



Telefoto Estado

Multidão e muita emoção no cortejo pelas ruas de São João del Rey

# “O pai de todos nós” 349

**JOSÉ MARIA MAYRINK  
ENVIADO ESPECIAL**

A missa de corpo presente, celebrada à tarde pelo bispo diocesano de São João del Rey, dom Antônio Carlos Mesquita, e concelebrada por mais seis bispos — inclusive dom Lucas Moreira Neves — interrompeu por quase 90 minutos a visitação do povo que queria ver o rosto de Tancredo Neves. Quando as três orquestras da cidade deram os últimos acordes da “Missa de Réquiem” do padre José Maria Xavier, compositor sacro sanjoanense, as duas filas — cada uma com mais de um quilômetro de comprimento — começaram a se movimentar outra vez, mas havia muito nervosismo.

“Estou há mais de três horas esperando. Nem dei comida para meus cinco filhos, mas fico aqui até a noite toda, se derem esperança de a gente ver o nosso pai, pois era isso que era o dr. Tancredo, o pai de todos nós” — queixava-se Geralda Trindade da Silva. Muita gente desistia de esperar e, se ele continuasse ali, teria de agüentar pelo menos mais três horas.

Pelo que dom Lucas Moreira Neves disse, ao fazer a encomendação do corpo no final da missa, a decisão de dona Risoleta era de que todos os sanjoanenses — “uma multidão ainda à espera” — deveriam passar pela igreja de São Francisco de Assis para se despedir do presidente. “Dona Risoleta agradece a presença das autoridades e compreende que nem todos poderão esperar pelo sepultamento” — disse dom Lucas, que também é primo de Tancredo Neves, em segundo grau. Mas não falou de prazos.

A igreja estava lotada (parentes,

ministros, governadores de Estado e dezenas de autoridades desconhecidas — todas com crachás de trânsito livre), quando o presidente José Sarney entrou com sua mulher, dona Marly, às 16h05. Os bispos estavam apenas esperando que ele chegasse para iniciar a cerimônia, naquela hora já com atraso de 35 minutos. O povo, que entrava pela porta da direita e saía pela esquerda, foi barrado lá fora, com a promessa de que a fila voltaria a andar imediatamente depois.

Dom Antônio Carlos Mesquita fez a homilia, lembrando o sacrifício de Tancredo Neves, que deu a própria vida pelo seu povo e morreu sem conhecer a alegria de “ocupar a cadeira da Presidência da República com a qual sonhou tantos anos”. Na oração dos fiéis, que precede o ofertório, lembrou-se que 24 de abril é data do aniversário de José Sarney e rezou-se por ele também, depois de se ter pedido pela felicidade eterna de Tancredo Neves.

Mas o que mais emocionou foram as palavras do dominicano frei Beto, convidado no final da missa a dar seu testemunho pessoal sobre os últimos dias do presidente do Instituto do Coração. Frei Beto fez três revelações surpreendentes quando anunciou os três últimos pedidos de Tancrevo Neves. Primeiro ele pediu

disse Frei Beto que não lhe dessem nenhuma notícia de fora uma sábia defesa, pois queria empregar toda a sua energia para sobreviver. Em segundo lugar disse que não o levassem a nenhuma cirurgia sem antes avisá-lo. Quarta participar das decisões a respeito de seu estado clínico. E, finalmente pediu que rezássemos com ele, dando mais um teste-

munho dessa admirável fé que levou, vida afora, de sua infância em São João del Rey”.

Frei Beto falou também da força de dona Risoleta e de seus filhos, “que formaram uma verdadeira comunidade de fé no quarto andar do Instituto do Coração, sempre firmes na esperança que muitas vezes se refletia no rosto de nosso querido Antônio Britto”. Tanto frei Beto como dom Antônio Carlos Mesquita e dom Lucas Moreira Neves observaram que o fato de Tancredo ter morrido não significa que Deus não tenha ouvido as orações dos brasileiros — mas sim que tudo aconteceu de acordo com os planos divinos.

Andando desolado pelas ruas de São João del Rey, o pedreiro Antônio Carlos de Jesus, de 49 anos, 12 filhos, salário de 190 mil cruzeiros na Prefeitura de Tiradentes, não se confortava com a sorte de ter conseguido ver o rosto de Tancredo Neves, depois de quatro horas de espera na fila.

“Viu o que aconteceu com nós, não é? Como pode um homem tão bom morrer assim?” — perguntava ele em voz alta, falando com os desconhecidos para desabafar a sua dor.

José Geraldo da Silva, que veio de Lavras pela manhã, desistiu de ver o corpo do presidente e nem entrou na fila. Preferiu, como centenas de outras pessoas, assinar o livro de visita à família no diretório regional do PMDB. A fila andava devagar e parecia não terminar nunca. Suspeitou-se de que muita gente estava entrando na igreja mais de uma vez (a fila seria nesse caso um círculo vicioso, sem fim), mas essa suspeita não se confirmou, pelo menos no testemunho de quem já esperava há mais de três horas a sua vez.